

## A RELAÇÃO ENTRE CORPO E ALMA NO GÓRGIAS EM PLATÃO

*The relationship between body and soul in the Górgias in Plato.*

Nerivan Pereira de Oliveira Júnior<sup>1</sup>

**Resumo:** A pesquisa teve como objetivo explicitar duas importantes obras de Platão, Fédon e Górgias, no primeiro Platão buscará distinguir a natureza do corpo e da alma, sendo que o corpo pertence à natureza sensível estando sujeito a mudanças e sendo fonte das paixões e apetites do homem. Enquanto que a alma pertence à natureza do mundo inteligível, sendo imutável e onde o logos reside e se pode conhecer as coisas em si, ou seja, as essências das coisas. Platão também se preocupará em evidenciar a questão epistemológica, ou seja, como conhecemos as coisas e relacionando a participação da alma e do corpo nesse processo.

**Palavras-Chaves:** Alma; Corpo; Conhecimento; Platão; Sofista; Filósofo.

**Abstract:** The research aimed to make explicit two important works of Plato, Phaedon and Gorgias, in the first Plato will seek to distinguish the nature of the body and soul, and the body is sensitive to the nature being subject to change and being sources of the passions and appetites of man. While the soul belongs to the nature of the intelligible world, being immutable and where the logos resides and can know the things in themselves, that is, the essences of things. Plato will also be concerned with highlighting the epistemological question, that is, how we know things and relating the participation of soul and body in this process.

**Keywords:** Soul; Body; Knowledge; Plato; Sophist; Philosopher.

Um momento marcante na história da Filosofia, sem dúvida, é a morte de Sócrates, condenado pelo povo de Atenas com a acusação de negar os deuses e corromper a juventude. Após a sua morte, Sócrates deixa uma herança de ensinamentos aos seus discípulos como: a defesa de valores morais e universais que deve orientar a existência humana e a afirmação da dialética como via de elevação da sensibilidade a um grau superior de racionalidade, isto é, do sensível ao inteligível. Para Sócrates, existe uma relação entre o conhecimento verdadeiro e a conduta moral, ou seja, agir bem implica pensar bem. Devido aos seus ensinamentos Platão descreve o momento do julgamento até os momentos finais de Sócrates nos seus *Diálogos*, em sua obra *Fédon*, ele descreve os últimos momentos de vida antes de Sócrates beber a cicuta.

Nessa obra, o protagonista é Sócrates a história ocorre no cárcere de Atenas no último dia de vida de Sócrates. É um diálogo com alguns de seus discípulos, o motivo é discutir sobre a imortalidade da Alma, a morte como nada mais do que a separação do Corpo e Alma, a relação entre prazer e a dor e a posição do filósofo perante a morte. Porém nosso foco principal é como Platão estabelece a relação corpo e alma. Enquanto o corpo é perecível a alma é imortal. Assim, quando o homem advém à morte, ocorre o seguinte: o que nele é suscetível de morte, ou seja, o corpo acolhe a morte e se corrompe; a alma, ao contrário, pela natureza subtrai-se a morte e vai embora. Para Platão o corpo seria algo antitético a alma, e sob certos aspectos, um aprisionamento para alma, um obstáculo para alcançar a verdade.

“... a razão deve seguir apenas um caminho em sua investigação, enquanto tivermos corpo e nossa alma estiver absorvida nessa corrupção, jamais possuiremos o objeto de nossos desejos, isto é, a verdade. Porque o corpo nos oferece mil obstáculos pela necessidade que temos de sustentá-lo, e as enfermidades perturbam nossas investigações.” (PLATÃO. 1999. P. 127).

Nessa passagem podemos ver como Platão caracteriza o corpo, como uma forma corruptiva da alma, pois os sentidos são um impedimento à alma no que se refere tanto à vida moral quanto à vida

<sup>1</sup> Graduando em Filosofia (membro do grupo PET Filosofia da UFPI).

cognoscitiva. Corpo, de fato, é apresentado como fonte de paixões, de medos, de todos os gêneros de vaidades. Do corpo, explica Platão, derivam os desejos de riqueza e, conseqüentemente, o corpo é causa de guerras, pois, o corpo está ligado ao mundo sensível (*doxa*). Para conhecer o Ser e para emancipar-se de todas as paixões a alma deve libertar-se do corpo; e é a morte que o liberta de modo total. Portanto, a tarefa do filósofo é ajudar o máximo possível à alma a desatar os próprios laços com o corpo, se quisesse realmente alcançar a verdade (*alétheia*), deveria examinar as coisas apenas com o pensamento sem nenhuma interferência dos sentidos do corpo.

Uma coisa que temos que considerar quando falamos de *episteme*, conhecimento, em Platão é, para ele o conhecimento inato, quando a alma entra no mundo sensível, através do corpo, ela esquece o que já sabia no mundo inteligível e que para recordar do que já sabe deve apenas guiar por ela mesma sem ajuda do corpo o que também pode ser chamado teoria da reminiscência, que será usada como uma prova para imortalidade da alma, este argumento apresenta a alma como pensamento, como essência com as ideias imutáveis e imperecíveis.

Este processo de recordação implica uma metodologia que permite a descoberta da verdade tal como ela é em si. Tal seria impossível se o saber não estivesse escrito na alma, isto é, para alguém se lembrar de alguma coisa, é necessário que a tivesse sabido no passado. Qual a relação existente entre a experiência anterior e a experiência sensível? O saber anterior é o fundamento ideal da experiência sensível. São irreduzíveis entre si porque não há comparação entre a perfeição do conhecimento e a relatividade do sensível. De fato, a percepção sensível de um objeto nunca coincide com a ideia pura. A ideia é sempre anterior e, por isso, não derivam dos objetos, estes apenas a despertam, mas não geram. Nesta perspectiva, a realidade sensível permite despertar as realidades inteligíveis que foram contempladas no mundo ideal, antes da ligação da alma ao corpo. Daqui se conclui que o argumento da reminiscência prova a transcendência e espiritualidade da alma e que, ligando-o ao argumento anterior, fica estabelecida a sua sobrevivência e perpetuação. (FERRO; TAVARES. 1995. P. 107-108).

Para outra prova da imortalidade da alma Platão apontará as Ideias como objeto do pensamento. As ideias, realidades inteligíveis, possuem uma dimensão ontológica e são eternas. Dois princípios fundamentais para entendermos essa relação corpo e alma com o conhecimento é o princípio de Identidade (não compostas) e as compostas. “— as coisas que sempre estão na identidade e se comportam do mesmo modo em quaisquer circunstâncias são as não compostas, ao passo que as que nunca estão na identidade e que se comportam ora de uma maneira ora de outra são as compostas.”. (PLATÃO. 1999. P. 143).

Enquanto a identidade está ligada às coisas que não mudam, como os conceitos de: igualdade, bondade, a beleza e toda existência essencial. As compostas estão ligadas as coisas contingentes, como: homens, cavalos, roupas, móveis e outras da mesma natureza. Uma está em uma classe de realidade visível e a outra invisível. Enquanto que a realidade invisível conserva sua identidade, a outra classe, dos visíveis nunca à conserva. O corpo pertence à classe do visível, estando sujeito a mudanças, portanto incapaz de conhecer o que é verdadeiro. Já a alma pertence à classe do invisível, conserva sua identidade e a única capaz de conhecer a essência das coisas. As essências, como a igualdade, o belo, a justiça em si, permanecem sempre idênticas não estando sujeitas às mudanças. As essências não podem ser apreendidas sensorialmente, só o pensamento pode apreender; já as coisas compostas, pelo contrário, não são objetos do pensamento e podem ser percebidos sensorialmente. O corpo identifica-se com o visível e a alma com o invisível. Enquanto a alma está unida ao corpo é impedida de alcançar o puro conhecimento porque é arrastada para aquilo que nunca é

da mesma maneira. A alma, porque é invisível, pertence ontologicamente à essência do inteligível e o seu ser, tal como o corpo e a morte significam, apenas, a decomposição do que é composto, o corpo, e não do que é simples, a alma.

A alma é capaz de conhecer coisas imutáveis e eternas, como, por exemplo, o igual em si, o bom em si. Trata-se de realidades que permanecem sempre nas mesmas condições e iguais a si mesmas e imutáveis, portanto, nitidamente superiores às realidades sensíveis que os sentidos dão a conhecer: essas não permanecem nunca nas mesmas condições e iguais a si mesmas. Ora, assim como o corpo com os sentidos capta as coisas sensíveis por afinidade com elas, deve-se admitir que a alma possa captar aquelas realidades de outra natureza relativamente às sensíveis só porque tem uma natureza afim a elas, do contrário essas realidades permaneceriam fora da sua capacidade. (REALE. 2002. P. 207).

Porém, a alma possui um vínculo com o corpo através dos afetos, sentimentos e desejos:

“- cada satisfação, cada tristeza traz consigo, por assim dizer, um prego com o qual fixa a alma ao corpo, e a torna material, pois ela crê não haver outros objetos materiais a não serem aqueles que o corpo lhe relata. Ao ter as mesmas opiniões que o corpo, ela é obrigada a adotar os mesmos hábitos...”. (PLATÃO. 1999. P. 150).

Nessa passagem, Platão reconhece a dificuldade que é para a alma não ter nenhuma interferência do corpo ao buscar a verdade das coisas e que os verdadeiros filósofos trabalham para conquistar força e moderação e não se entregarem a esses sentimentos e desejos vindos do corpo.

Platão parece que vai se dando conta de que é impossível o homem se desprender completamente do seu corpo, enquanto estando nesta vida, e percebe que além do corpo ser um vetor para engano quando se entrega aos prazeres sem comedimento, mais que isso também é devido a um desregramento da alma. Deve-se notar que as paixões que no *Fédon*, são apresentadas como surgindo do corpo, em outros diálogos, ao contrário, são conexas com as partes não racionais da alma, ou seja, com a alma “irascível” e com a “concupiscível”. Podemos analisar melhor essa relação corpo e alma apontada na sua obra: *Górgias (ou Da Retórica)*.

O nome da obra *Górgias (ou Da Retórica)*, carrega esse nome devido ao Górgias de Leontini (na Sicília), um sofista contemporâneo de Sócrates, um pensador profundo, um lógico implacável, um grande artista e considerado o criador da oratória declamativa, ou seja, a retórica exibicionista e de grande efeito, cujas concepções exerceram profunda influência. Nessa obra temos Sócrates como protagonista que debate com Górgias e com outros sofistas como Pólo e Cálicles discípulos de Górgias.

No primeiro momento Sócrates interroga Górgias, lhe perguntando, em que consistiria sua Arte? (que no contexto grego se refere a um conjunto de características e propriedades de uma determinada área do conhecimento) E Górgias responde que se tratava da retórica. Sócrates então lhe pergunta o que se trata da retórica? E Górgias responde que se trata do discurso. Sócrates segue perguntando, que tipo de discurso seria esse? E Górgias responde que seria o da persuasão.

A resposta de Górgias é o seguinte – *é a capacidade de persuadir pela palavra os juízes no tribunal, os senadores no Conselho, o povo na Assembleia, enfim, os participantes de qualquer espécie de reunião política* – esta posição de Górgias manifesta uma tendência para valorizar o discurso político face aos outros discursos como a medicina, o da matemática, a do filósofo e outras formas de discursos e a ver na retórica uma arma de domínio. Sócrates convence a Górgias aceitar que a retórica é como uma obreira da persuasão, mas, Sócrates também tem que admitir que outras formas de discurso também são obreiras da persuasão.

Cabe então ao discurso constituir a realidade, escolhendo o aspecto que deve sobressair. A palavra tem, então, um poder demiúrgico, criador. A linguagem não só evoca uma aparência, mas também a legitima porque tem a capacidade de “curar” as almas divididas. O discurso tem uma dimensão poética e, consequentemente, artística. Neste sentido, e em última análise, é a arte que supera a contradição. O papel da arte não visa à conformidade com o real, mas criar a ilusão, a coerência mental, a que Górgias chama de justiça e sabedoria. Torna-se possível a comunicação, na medida em que a linguagem transmite não o conhecimento, mas a emoção; a linguagem não designa o real, mas toca a alma que é concebida como receptividade. (FERRO; TAVARES. 1995. P. 60).

Logo, a Arte da retórica é o discurso persuasivo. Porém, qual seria a diferença entre atividade do sofista e do filósofo? Teriam elas alguma coisa em comum ou seriam completamente diferentes?

Antes de responder essas perguntas, precisamos fazer uma diferença entre aprendizado e crença. *“Sócrates: então achas que deveríamos admitir duas formas de persuasão, nomeadamente uma que proporciona crença sem conhecimento, e outra que proporciona conhecimento?”*. (PLATÃO. 2007. P.54).

Platão definirá a retórica como uma produtora de persuasão para crença, sem se importar se essas crenças são verdadeiras ou não. A sofista é uma arte que não está preocupada em buscar um conhecimento verdadeiro. Um conhecimento verdadeiro para Platão é uma crença verdadeira e justificada e, nisso, consiste um verdadeiro aprendizado.

Agora, podemos responder às duas perguntas que nos propusemos. A primeira, qual seria a diferença entre atividade do sofista e do filósofo? A atividade do sofista é apenas a da persuasão, um discurso relativo e contingente, sem se importar se suas crenças são verdadeiras ou não. O discurso dos sofistas está ligado ao mundo sensível, por ser um discurso relativo e contingente, tendo os sentidos como base, dessa forma, não visa alcançar as verdades das coisas e, portanto, não conduziria a alma a buscar aquilo que é verdadeiro, o em si das coisas. Enquanto que a atividade do filósofo é de alcançar o conhecimento verdadeiro, imutável e eterno, ou seja, crenças verdadeiras e justificadas. Logo, o único meio de alcançar um conhecimento verdadeiro é tendo a alma como guia. A segunda pergunta é se (sofistas e filósofos) possuem alguma coisa em comum ou são completamente diferentes? Tanto o sofista como o filósofo trabalham com o discurso, isto que é de comum entre os dois, porém, eles se diferenciam no uso desse discurso, pois estão ligados a naturezas diferentes. O sofista usa o discurso para persuadir, relativo e contingente, logo pertence à natureza das coisas sensíveis, assim, como o corpo. Enquanto o filósofo usará o discurso para buscar aquilo que é verdadeiro, de natureza imutável e eterna, em que só a alma racional pode alcançar. Pois, a alma é da mesma natureza.

Se lembrarmos que no *Fédon*, Platão aponta que para o verdadeiro filósofo alcançar o conhecimento verdadeiro ele deverá se guiar apenas pelo pensamento, a parte racional da alma, e não deixar que os sentidos do corpo o enganem.

Mas, contudo na obra *Górgias*, Platão admite que a alma, quando não bem cuidada, ela pode se corromper: *“Sócrates: ... enquanto encontra-se num estado precário – destituída de inteligência, indisciplinada, injusta e ímpia – é necessário que refreemos seus desejos e impeçamos que faça qualquer coisa salvo o que contribuirá para que melhore.”*. (PLATÃO. 1999. P.135).

O que chamo atenção quando ele fala *“seus desejos”* e vai aos poucos mostrando que a alma é detentora de sua própria ordem, mas também de sua própria desordem. *“... uma alma que é detentora de sua própria ordem é melhor do que uma alma desordenada? Necessariamente.”*. (PLATÃO. 2007. P.137).

Em um momento da obra Sócrates debate com Cálicles qual seria a melhor maneira do homem viver e ambos possuem visões bem distintas. Para Sócrates a melhor maneira de o homem levar a vida é sendo moderado e tendo uma vida regrada, enquanto para Cálicles a melhor forma do homem viver é tendo uma vida intemperante e desregrada, para ele a alegria de satisfazer todos os desejos é o que torna o homem realmente feliz. O que Sócrates vai tentar provar que não podemos ser felizes e infelizes ao mesmo tempo e vice-versa, pois felicidade e infelicidade não podem coexistir. Já prazer e dor podem coexistir, como quando sentimos fome e logo depois saciamos a fome. Sentimos dor no primeiro momento, a fome, e no segundo momento prazer, quando comemos. Logo prazer é diferente de felicidade, porque prazer e dor podem coexistir já felicidade e infelicidade não. Portanto nem tudo que é agradável é bom. Dessa forma Sócrates refuta Cálicles quando ele acredita que a felicidade está necessariamente ligada com realizações de todos os desejos, ou seja, a felicidade é a realização de prazeres.

“Tanto da virtude quanto do vício e, em algumas passagens, há uma dificuldade em relacionar ao corpo ou à alma as sensações de prazer e desprazer. Estas ponderações mostradas no referido diálogo sustentam que há uma oposição entre corpo e alma para que seja demonstrada a supremacia desta em relação ao corpo”. (FEITOSA. 2006. P. 14).

A concepção de virtude no *Górgias* parte da discussão de duas delas em especial: justiça e temperança. No diálogo, vemos basicamente dois conceitos de justiça: a) justiça por natureza; b) justiça por convenção (lei). A noção de justiça por natureza é defendida por Cálicles com o seguinte argumento: a justiça se concentra no plano da satisfação dos desejos, ou seja, a realização dos apetites físicos, assim como os prazeres do poder, da admiração, todos eles conduzem à felicidade, todavia, essa noção de justiça não condiz com o que concebe Sócrates, pois virtude está necessariamente direcionada para o social, e Cálicles a concebe como uma prática do agente particular. No entanto, a concepção de Cálicles se associa à ideia de justiça natural que pressupõe a ideia de igualdade. Se todos são iguais, todos devem usufruir igualmente os apetites. Ora, usufruir os apetites é querer sempre ter mais, porém aquele que tem mais é o que se sobressai em relação ao outro por se considerar mais forte, portanto é contraditório o argumento de Cálicles no que tange à justiça natural. (FEITOSA. 2006. P.17).

E a função que serve de freio aos desejos e as paixões só pode ser a razão. Portanto, a faculdade da qual dependem as paixões deriva da forma da alma irracional, que Platão denominara de concupiscível. A faculdade que freia as paixões deriva da forma da alma racional. (REALE. 2002. P. 205).

Até aqui podemos então perceber duas características da alma: uma racional e outra irracional, concupiscível. Porém, Platão denominara uma terceira parte da alma, a irascível, em que não pode coincidir com a forma de alma concupiscível e nem pode coincidir com a razão.

Uma alma bem ordenada é aquela justa e comedida, enquanto a alma desordenada é injusta e desregrada. Platão não mais puniu o corpo, como fonte de erro, mas como intrinsecamente ligada à alma. Em a *República*, Platão dividirá então a alma em três partes: a racional, a irascível e a concupiscente. Onde a relação corpo e alma se dão em grau, a racional é destituída de qualquer participação do corpo, localizada na cabeça, pondo o pescoço como limite entre a cabeça e o peito. A irascível participa da coragem e aspira à vitória, foi posta entre o diafragma e o pescoço. Enquanto a parte concupiscente é mais ligada fortemente com o corpo, localizada no baixo ventre, fonte dos desejos e apetites.

Em a *República* vamos aos poucos nos dando conta que o projeto de Platão é bem maior, ele busca um Estado ideal em que a divisão da alma como também às classes da cidade ideal estão completamente ligadas uma a outra, no sentido de encaminharem a ação justa de cada parte à sua respectiva classe para que cada uma possa exercer aquilo que lhe foi destinada a executar. Cada classe tem uma tarefa própria a cumprir: a parte apetitiva, que produz os desejos básicos de cada ser, necessita da virtude temperança para que seus desejos não se tornem vícios e coloque em risco o projeto de justiça do Estado platônico. Assim também ocorre com a parte irascível, que produz os desejos de honra e política, além da ira. Esta parte deve ser controlada pela coragem. Entretanto, todas elas devem ser controladas pela parte racional da alma que tem como prioridade a busca do conhecimento, seu desejo é conhecer a verdade. Para esta função estariam destinados os filósofos, pois são os únicos que buscam conhecer a verdade. O Estado ideal só poderia advir com a busca do homem ideal.

Enquanto o homem participar dessa vida, no mundo sensível, nunca poderá se livrar das necessidades que seu corpo, que é material, necessitará, pois é da própria natureza do corpo. Se o indivíduo souber manter-se disciplinado, comedido e sempre justo, sua alma se manterá limpa e ele poderá conhecer aquilo que é verdadeiro.

“a morte, pelo que me parece, não passa realmente da separação de duas coisas, a alma e o corpo, uma do outro. E assim, uma vez separados uma do outro, cada um deles conserva sua condição tal como era quando o ser humano estava vivo: o corpo retém sua própria natureza e os cuidados de que foi objeto, bem como as experiências, permanecem nele totalmente manifesto.”. (PLATÃO. 2007. P.163).

## Referências

- FEITOSA, Zoraida M. L.; *A Questão da Unidade e do Ensino das Virtudes em Platão*, Tese (Doutora em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia Antiga, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2006.
- FERRO, Mário; TAVARES, Manuel; *Análise das obras Górgias e Fédon de Platão*, Lisboa. Editorial Presença. 1995.
- PLATÃO, *A República*, 7. ed. Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- PLATÃO, *Fédon*, Col. Os Pensadores. São Paulo. Nova Cultural Ltda, 1999.
- PLATÃO, *Górgias*, Diálogos II. Tradutor: Edson Bini. São Paulo. Edipro, 2007.
- REALE, Giovanni, *Corpo, Alma e Saúde: o conceito de homem de Homero a Platão*. Tradução: Marcelo Perine. São Paulo. Editora: Paulus, 2002.